



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GARCIA FILHO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

HELOISA MARIA BENTO COSTA

TERAPIA OCUPACIONAL, DANÇA E EXPRESSIVIDADE: FAVORECENDO
ESPAÇOS DE ENCONTRO PARA ADOLESCENTES ABRIGADOS

LAGARTO-SE

2018

HELOISA MARIA BENTO COSTA

ORITEDORA: Raphaela Schiassi Hernandes Genezini

COORIENTADORA: Lavínia Teixeira Machado

**TERAPIA OCUPACIONAL, DANÇA E EXPRESSIVIDADE: FAVORECENDO
ESPAÇOS DE ENCONTRO PARA ADOLESCENTES ABRIGADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

LAGARTO/SE

2018

Heloisa Maria Bento Costa¹, Raphaela Schiassi Hernandes Genezizi², Lavínia Teixeira Machado³

**TERAPIA OCUPACIONAL, DANÇA E EXPRESSIVIDADE: FAVORECENDO
ESPAÇOS DE ENCONTRO PARA ADOLESCENTES ABRIGADO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado como cumprimento das exigências legais da Resolução 36/2011 CONEPE-UFS do currículo do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Lagarto/SE.

Lagarto/SE, ____ de _____ de _____.

Avaliadores:

Profa. Dra. Raphaela Schiassi Hernandes Genezizi
Orientadora

Profa. Dra. Martha Morais Minatel
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita de Cássia Barcellos Bittencourt
Membro da Banca Examinadora

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Universitário Prof. Antônio Garcia Filho, Lagarto/SE, Brasil. CEP: 49.400.000. Email: estudanteterapiaocupacional@gmail.com

² Professora Dra. do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. Antônio Garcia Filho, Lagarto/SE, CEP: 49.400.000. Email: rapha_to@hotmail.com.

³ Professora Dra. do Departamento de Educação e Saúde da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. Antônio Garcia Filho, Lagarto/SE, CEP: 49.400.000. Email: teixeiramachado@icloud.com.

RESUMO

As atividades expressivas, como a dança e a pintura, são recurso potenciais utilizados pelo terapeuta ocupacional para alcançar objetivos diversos, transformando as expressões do sujeito e reorganizando o sentido de sua existência. O objetivo geral dessa pesquisa é descrever e discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança e a pintura como recurso terapêutico, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes. Objetivos específicos: avaliar a possível melhora da autoestima e expressão dos adolescentes em situação de abrigo após os grupos de terapia ocupacional e descrever o significado dos grupos de terapia ocupacional para eles. A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa, descritiva. A coleta dos dados foi realizada por meio de dez encontros, na qual utilizou-se da dança e atividades com pintura, por um período de três meses. Participaram da pesquisa seis sujeitos (três do sexo masculino e 3 do sexo feminino). Foi possível observar uma mudança no comportamento dos participantes pois, nos primeiros encontros sentiam-se inibidos e ao longo das atividades conseguiram se expressar melhor por meio da dança e das pinturas. Assim, foi visto que é de grande importância possibilitar ao sujeito em situação de abrigo a expressão dos seus sentimentos, pois, muitas vezes sua expressão e autoestima são prejudicadas por todo o processo que o sujeito vivenciou e continua vivenciando. O terapeuta ocupacional com seu olhar humanista, consegue contribuir para que os sujeitos se expressem melhor, trazendo seus desejos e medos, e facilitando as relações interpessoais entre os adolescentes através das atividades expressivas.

Palavras-Chave: Acolhimento institucional; Dança, Pintura e Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Expressive activities, such as dance and painting, are potential resources used by the occupational therapist to achieve diverse goals, transforming the expressions of the subject and reorganizing the meaning of their existence. The general objective of this research is to describe and discuss the intervention of the occupational therapist using dance and painting as a therapeutic resource in the context of institutionalization with groups of adolescents. Specific objectives: to evaluate the possible improvement of the self-esteem and expression of the adolescents in shelter situation after the occupational therapy groups and to describe the meaning of the occupational therapy groups for them. The methodology used in the research was qualitative, descriptive. The data collection was carried out through ten meetings, in which dance and activities with painting were used for a period of three months. Six subjects (three males and three females) participated in the study. It was possible to observe a change in the behavior of the participants because in the first meetings they felt inhibited and throughout the activities they were able to express themselves better through dance and paintings. Thus, it has been seen that it is of great importance to allow the subject in a situation of shelter the expression of their feelings, because often their expression and self-esteem are harmed by the whole process that the subject has lived and continues to experience. The occupational therapist with his humanist look, can contribute to the subjects express themselves better, bringing their desires and fears, and facilitating interpersonal relationships among adolescents through expressive activities.

Keywords: Institutional shelter; Dance, Paint and Occupational Therapy.

TERAPIA OCUPACIONAL E DANÇA: FAVORECENDO ESPAÇOS DE ENCONTRO PARA ADOLESCENTES ABRIGADOS.

OCCUPATIONAL THERAPY, DANCE AND EXPRESSIVITY: FAVORING ENCOUNTER SPACES FOR ADOLESCENTS COVERED.

INTRODUÇÃO

A família é o primeiro e principal meio de socialização do ser humano, nela aprende-se princípios, os quais desde a infância são fundamentais para um bom convívio em sociedade. Ferreira (2014, p. 143) aponta que: “o ambiente familiar está entre os principais fatores para o desenvolvimento de atividades cognitivas e não cognitivas da criança. Assim, crianças que crescem em ambientes saudáveis tendem a ter um desenvolvimento pleno das suas capacidades”. Assim, quando ocorrem interferências na relação familiar, o desenvolvimento deste indivíduo não acontece de forma absoluta acarretando em dificuldades e prejuízos no futuro.

Experiências hostis podem acarretar um desenvolvimento atípico oriundo de dificuldades no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, que podem durar toda vida, prejudicando-o na capacidade de realização e na produtividade (CAVALCANTE; MAGALHÃES; REIS, 2014). Isto se dá pelo fato de que a criança na primeira infância está mais receptiva aos estímulos, já que ela se encontra no momento de formação de conhecimentos sobre o ambiente a sua volta. Vários fatores podem interferir na relação familiar e concomitantemente no desenvolvimento da criança, dentre eles, Ferreira (2014, p. 144) cita “problemas de disciplina, falta de cuidados e supervisão, abusos físicos e sexuais, falta de comunicação, falta de afeição e carinho” que levam a evasão da criança do seu ambiente familiar.

A violência contra a criança e ao adolescente constitui um grave problema social presente de forma endêmica não apenas no Brasil, mas também em outras partes do mundo, independente de classes sociais. As modalidades de violência cometidas contra crianças e adolescentes podem ser classificadas em: violência física, psicológica, negligência e violência sexual, sendo que a maioria desses atos violentos acontecem no âmbito familiar e envolve tanto àqueles que são vinculados por laços consanguíneos, como aquelas pessoas que circulam no ambiente doméstico e que mantêm ou não laços de parentesco.

A partir da década de 80 que a violência e os maus tratos contra as crianças e adolescentes passaram a receber mais atenção. De acordo com Brito et al. (2005), foi nesta

década que começou a surgir os primeiros programas específicos para atendimento desta problemática, previsto no artigo 87, inciso III, lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” Assim, quando um desses direitos é violado, por um ou mais fatores a criança ou o adolescente, podem ser institucionalizados.

Infelizmente, a institucionalização na infância e adolescência está presente na realidade de muitas famílias brasileiras (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006). Para Carvalho (2002), o ambiente institucional não se constitui no melhor ambiente de desenvolvimento, devido a diferentes dificuldades como: alto índice de criança por cuidador, atendimento padronizado, falta de atividades planejadas e a fragilidade das redes de apoio social e afetivo.

Os prejuízos com a institucionalização estão muito relacionados com o tempo que os indivíduos se mantem institucionalizados, pois este período se for muito grande, pode ocasionar uma ruptura definitiva dos vínculos com sua família. Devido a este processo de ruptura de seu vínculo primário, a criança e o adolescente em situação de abrigo passarão por um processo de readaptação ao ambiente, as pessoas e aos funcionários que estão na instituição. O abrigo terá papel importante fazendo parte da rede de apoio social e afetivo para esta pessoa advinda de um ambiente familiar não favorável (CAVALCANTI; MAGALHÃES; PONTES, 2007).

O acolhimento e cuidado devem ser compatíveis com o de uma família, devendo garantir um cotidiano em que as crianças e adolescentes venham a participar da rotina doméstica, que garanta o respeito às diferenças pessoais e de faixa etária. O ambiente deve garantir a personalização do espaço físico, do vestuário e a manutenção de objetos pessoais. Deve ser também garantida a inserção na comunidade com acesso a escola local, serviços de saúde e a atividades culturais, religiosas e esportivas desenvolvidas no território (GAHEIGO, 2003, p. 91).

Para Galheigo (2003, p. 86), os abrigos devem ser espaços de acolhimento e cuidado que substitua a família, de promoção e reconstrução de laços afetivos e que proporcione qualidade de vida. O abrigo assume um papel central na vida destas crianças e adolescentes, sendo necessário investir nesses espaços, de forma a transformar as concepções socialmente estabelecidas, permitindo uma possível melhora nas suas diferentes dificuldades e ausências. De acordo com Yunes et al. (2004) a institucionalização pode ou não se constituir risco para o desenvolvimento, isso vai depender muito da interferência com a sua história pregressa.

Existem dois tipos de fatores que podem interferir de maneira positiva ou negativa nesse processo de institucionalização: os fatores de risco e os de proteção. Os fatores de risco são eventos negativos ou estressores que aumentam a possibilidade de problemas físicos, sociais ou emocionais. Em contrapartida, existem os fatores de proteção, os quais são fatores que modificam, melhoram ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis (COWAN et al., 1996; HUTZ; KOLLER; BANDEIRA, 1996). Alguns fatores de proteção são fundamentais ao desenvolvimento: atributos pessoais, como autonomia, autoestima, bem-estar subjetivo, orientação social positiva e competência emocional (CECCONELLO, 2003).

Segundo Saad e Villareal (1991), os sentimentos de exclusão, frutos da perda do convívio familiar e afetivo, podem perdurar por um longo tempo e, ainda, consideram que todo abandono condiciona sentimentos de angústia, agressividade e não valorização de si mesmo. A situação de abandono pode acontecer antes mesmo da separação física, uma vez que o abandono afetivo geralmente antecede o abandono físico e pode ser considerado como a incapacidade dos cuidadores proteger, supervisionar e suprir as necessidades dos filhos e, desta maneira, quando uma criança ou adolescente chega a uma instituição é porque, em geral, já sofreu todo tipo de abandono (NOAL; NEIVA-SILVA, 2007).

A questão central é como fazer desse espaço, um real local de morada, onde crianças e adolescentes possam viver protegidos, com oportunidades de desenvolvimento pleno e com direito à autonomia e participação social até que retornem às suas famílias de origem ou sejam encaminhadas para famílias substitutas, provisórias ou definitivas (LUVIZARO; GALHEIGO, 2011).

Neste contexto, a terapia ocupacional pode atuar de forma favorável mesmo deparando-se com situações desafiadoras, já que a experiência e participação neste ambiente ainda são restritas. A ação do terapeuta ocupacional dependerá da proposta de organização da instituição e da equipe multiprofissional atuante. Podem ser realizadas ações territoriais, institucionais, familiares, grupais e individuais. Segundo Galheigo (2003, p. 92) a Terapia Ocupacional em instituições de crianças e adolescentes devem incentivar iniciativas com “trabalhos grupais que venham a trabalhar o fortalecimento dos vínculos ou facilitar a dinâmica operativa do cotidiano institucional”.

A Terapia Ocupacional pode incorporar em seus estudos a subjetividade, ou seja, os modos de pensar, agir e sentir, assim ela consegue assumir as diferentes formas de organização do sujeito, suas atividades, o estabelecimento de vínculos e pontes com a família, com a comunidade e outras dimensões da rede social. Para Liberman (1998) a terapia ocupacional tem como instrumento de sua atuação a atividade, que é realizada por meio da comunicação não-

verbal. Os trabalhos manuais e outros trabalhos corporais, tais como teatro, dança, são algumas de suas possibilidades. Dessa maneira, a terapia ocupacional pode utilizar como instrumento a dança em seus atendimentos.

De acordo com Liberato e Dimenstein (2009 apud MOLEHLECKE, 2005, p. 167) a dança “é a superação do próprio corpo, visto que este se desprende de uma identidade e experimenta novos contornos, acoplamentos e fluxos de energia”. Portanto, no contexto de institucionalização, a dança pode ser utilizada pela terapia ocupacional para proporcionar as crianças e adolescentes uma melhora na autoestima e expressão, já que esta pode possibilitar novas descobertas sobre si mesmo, mostrando potencialidades, dificuldades e meios para supera-las. Além disso, a dança propicia uma melhor interação social, fortalecendo vínculos que podem trazer benefícios para o emocional destes sujeitos em situação de abrigo, visto que com o processo de separação da sua família podem sofrer emocionalmente está perda.

De acordo com Oliveira (2002) é extremamente importante que a criança aprimore sua criatividade, por meio de atividades que favoreçam a sensação de alegria, assim ela vai conseguir canalizar o seu humor e seu temperamento. Uma dessas atividades pode ser a dança, pois esta admite a liberdade de movimento, permitindo que as fantasias afluam. Através das atividades de dança, o domínio corporal da criança evolui, desenvolvendo e aprimorando suas possibilidades de movimentação, descobrindo novos espaços, superando limitações e condições para enfrentar as suas dificuldades do cotidiano.

Apesar de inúmeras pesquisas falando das diferentes e imensas características positivas da dança, ainda permeia na sociedade, segundo Marques (2003), certo receio do trabalho realizado com o corpo, que é tido apenas como recreação, vaidade ou modismo. De acordo com Negrine (2002) as práticas corporais não são vistas como fator de desenvolvimento e aprendizagem, e não são consideradas como meio de saúde no sentido amplo do termo.

A dança “está presente na vida das pessoas, surgindo antes de tudo na mente, depois como movimentos do próprio corpo, sendo que é por meio do corpo, especificamente por meio dos movimentos, que possibilita as pessoas de se comunicarem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 69). Assim, é possível entender que a interação do homem com o mundo ocorre através do seu corpo em movimento, podendo ser manifestado por meio da dança.

Portinari (1989, p. 17) relata que, ao ser questionada sobre quando começou a dançar, Isadora Duncan (idealizadora da dança moderna) responde: “No ventre da minha mãe”, enfatizando que dança é uma manifestação instintiva do homem e que deveria ser muito mais incentivada. Além dela não ter cor, gênero, idade, classe social, ela permite e proporciona o

encontro das diferenças com respeito e qualidade, pois cada um pode ter o seu estilo e isso é valorizado. Na dança, a subjetividade, a criatividade e as diferenças de cada um são fundamentais e incentivadas a florescer (FREIRE, 2004/2005).

Reis e Ferracini (2016) afirmam que a dança no âmbito da Saúde Mental funciona como criadora de outros sentimentos e de uma nova subjetividade. O sujeito aberto a novos conhecimentos é transformado por novas experiências. Segundo Marques (2003) a dança caracteriza-se como um meio interessante para explorar as mais diversas dimensões das crianças e adolescentes, e ao mesmo tempo contribuir para sua formação humana, permitindo que esses sujeitos interagem com o outro num sentido de cooperação e respeito. É importante oportunizar a espontaneidade, a brincadeira, a imaginação, uma nova forma de estar no mundo, se permitir ser, com todas as suas especificidades e características individuais. O processo é na maioria das vezes o mais importante de toda essa experiência.

Assim, durante a formação como terapeuta ocupacional na Universidade Federal de Sergipe e em uma experiência no abrigo para crianças e adolescentes foi possível observar que os participantes apresentavam uma baixa expressividade e na maioria das vezes, ao iniciar as atividades traziam um discurso negativo com relação a si mesmo. Além do estudo na terapia ocupacional e como professora de ballet para crianças, foi possível perceber que a dança proporciona ao praticante a expressão dos sentimentos internos e que através dessa experiência o indivíduo cria uma nova visão de si mesmo, além de propiciar a ele momentos de reconhecimento. Portanto, o interesse apareceu como necessidade de descrever a atuação da Terapia Ocupacional neste ambiente de institucionalização com adolescentes utilizando a dança como recurso terapêutico.

Dessa maneira, esta pesquisa surge com o objetivo geral de descrever e discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança e a pintura como recurso terapêutico, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes. E os objetivos específicos: avaliar a possível melhora da autoestima e expressão dos adolescentes do abrigo após os grupos de terapia ocupacional e descrever o significado dos grupos de terapia ocupacional para os adolescentes.

METODOLOGIA

Percurso Metodológico

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo que foi realizada em um abrigo para crianças e adolescentes localizado no interior do Estado de Sergipe e participaram da pesquisa seis adolescentes. Nos encontros aconteceram atividade de dança e de pintura.

Segundo Minayo (1992, p. 21):

A pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Abrigo para Crianças e Adolescentes no interior do Estado de Sergipe. O abrigo tem sua própria sede que fica localizada num bairro próximo ao centro da cidade, em suas redondezas existem escola, igreja, padaria, supermercado e quadra de futebol. O abrigo acolheu quatro crianças, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino e seis adolescentes, três do sexo masculino e três do sexo feminino. A instituição tem capacidade de acolher até 20 e o fluxo é dinâmico, já que o objetivo deste local é que este sujeito retorne ao ambiente familiar, seja aquela família de laços consanguíneos ou não.

A equipe que presta assistência neste local é composta por um coordenador, um psicólogo, uma assistente social, um auxiliar administrativo, três cozinheiras, três vigilantes, quatro cuidadores e dois educadores. A rotina é composta pela ida a escola, atividades promovidas pelos educadores como o reforço escolar e oficinas para construção de brinquedos, entre outros. É frequente a chegada de universitários para desenvolver projetos com as crianças e adolescentes, mas em períodos determinados e curtos. A atividade externa comum para os meninos é a ida a escola de futebol e para as meninas, a participação de grupos na igreja.

O espaço físico é amplo, com jardim, uma sala grande com sofá, televisão, mesas e cadeiras. Ainda, contém uma cozinha, um dormitório feminino, um dormitório masculino, um para bebês e mais um para os cuidadores que estão na instituição a noite. Os banheiros são divididos entre um para os meninos e um para as meninas. Nela também existe uma biblioteca com livros e um computador e uma brinquedoteca. Na parte administrativa tem a sala da equipe técnica e dois almoxarifados. Os encontros foram realizados na sala grande da entrada

Sujeitos da Pesquisa

Participaram da pesquisa um total de sete adolescentes, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. O critério de inclusão foi que estes adolescentes residissem no abrigo

e tivessem idade entre 12 a 18 anos. A participação no grupo acontecia de forma espontânea, caracterizando-se como um grupo aberto. O grupo iniciou com 5 participantes (três do sexo masculino e 2 do sexo feminino), a partir do terceiro encontro uma adolescente se inseriu no grupo, entretanto, participou apenas de mais dois encontros. No décimo encontro, onde apresentou-se as coreografias somente os 5 adolescentes (três do sexo masculino e 2 do sexo feminino) os mesmos que iniciaram o grupo se apresentaram.

Aspectos éticos

A principal questão ética dessa pesquisa refere-se à garantia de anonimato dos entrevistados, que será garantida em todas as publicações decorrentes da mesma, sendo compromisso assumido pelos pesquisadores. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com o número de aprovação **CAAE: 2.383.126**

Procedimento da Coleta de Dados

A coleta dos dados foi realizada primeiramente por meio de uma conversa com a coordenadora do abrigo, explicando os objetivos da pesquisa e buscando sua autorização. Assim, após o aceite da coordenação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa deu início a coleta de dados. Inicialmente, foi feita uma conversa com a coordenadora sobre os autos dos processos de cada participante, além da assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Também, foram realizados encontros de terapia ocupacional utilizando de grupos com dança e pinturas em papel com tintas realizadas ao final de cada encontro.

Ao todo foram realizados 10 encontros, sendo que no décimo encontro ocorreu a apresentação das coreografias ensaiadas. Estes grupos aconteceram durante os meses de setembro a novembro de 2017 e aconteciam uma vez por semana com duração de 2 horas, sendo dividido da seguinte maneira: realizava-se inicialmente um alongamento, depois a montagem e ensaio de duas coreografias, em seguida relaxamento e por último um momento de pintura onde os participantes expressavam o tema abordado naquele encontro. Os materiais utilizados na dança foram um som, fitas de seda, sapatilhas para dança e roupas para dança. Para a pintura os materiais utilizados foram tinta, pinceis e papel.

A cada encontro as pesquisadoras propunham um tema para que os participantes realizassem a pintura. Com exceção do 7º e 10º encontros que não foi realizado a pintura. Os temas oferecidos foram:

1. *Como você se sente hoje?*
2. *Qual o seu maior sonho?*
3. *O que te faz feliz?*
4. *O que te faz sentir medo?*
5. *O que você espera do futuro?*
6. *Quais são suas qualidades?*
7. *(Não houve o momento da pintura)*
8. *Do que você sente falta?*
9. *O que significou estes encontros para você?*
10. *(Não houve o momento de pintura)*

No 7º encontro não foi realizada a atividade expressiva de pintura pois as pesquisadoras sentiram a necessidade de realizar uma aula de Dança com um professor do sexo masculino, pois os meninos encontravam-se um pouco desmotivados por acharem que “dança é só para meninas”. No entanto, apesar de todos terem gostado muito da atividade, sentiram muita falta da pintura, relatando que não daria para ficar sem, pois, precisavam e gostavam muito dessa etapa do encontro. E, no décimo encontro, não foi realizada a pintura pois realizou a apresentação das coreografias em um evento na Universidade Federal de Sergipe – Campus Lagarto.

Utilizou-se de recursos audiovisuais para registrar os encontros, as danças eram filmadas, para perceber melhor como se deu a dinâmica dos participantes naquele dia e no momento da pintura utilizou as gravações de áudio para auxiliar na transcrição das falas dos sujeitos. Ao final de cada encontro as pesquisadoras relatavam suas impressões do grupo através de relatório e transcrições das falas.

ANÁLISE DOS DADOS

Histórias de Vida

A coleta da história de vida dos sujeitos foi realizada por meio de uma conversa com a coordenadora. Foram utilizados nomes fictícios para a preservação da identidade e dos direitos dos adolescentes.

1- ALLAN, 15 anos, está há 6 anos na instituição e sofreu negligência por parte da mãe. Seu pai é falecido e passou pelo processo de reinserção familiar, no entanto, não foi bem-sucedida, aguarda determinação judicial.

2- BRUNO, 16 anos, está há 6 anos na instituição, também sofreu negligência por parte da mãe e seu pai é falecido. Houve tentativas de reinserção familiar, entretanto não foram bem-sucedidas.

3- LEANDRO, 13 anos, está a 6 anos na instituição e também está no abrigo por ter sofrido negligência por parte da mãe. Seu pai é falecido e também passou pelo processo de reinserção familiar, entretanto não foi bem-sucedida. Aguarda determinação judicial. Leandro, Allan e Bruno são irmãos.

4- CARLA, 14 anos, possui um filho de 6 meses, residia com a irmã que a denunciou ao Conselho Tutelar por maus-tratos ao filho. Inicialmente o filho foi levado para o abrigo e alguns dias depois, ela também foi levada como medida preventiva. Carla e o bebê permaneceram no abrigo pelo período de 4 meses e hoje já estão de volta ao ambiente familiar.

5- RUTE, 18 anos, chegou ao abrigo quando tinha 12 anos por ter sofrido negligência por parte da mãe. Permaneceu no abrigo até sua maioridade pois sua mãe abriu mão de sua guarda e nenhum parente próximo poderia assumir a responsabilidade.

6- ELIANE, 17 anos, chegou ao abrigo a aproximadamente 2 anos. Sua guarda pertencia a sua mãe adotiva. Passou por alguns problemas em sua relação com a mãe, por isso foi levada ao abrigo e hoje está passando pelo processo de reinserção familiar indo aos finais de semana para a casa de sua mãe adotiva.

Encontros

Durante este processo aconteceram faltas justificadas. A primeira falta foi de Leandro no 2º encontro por motivos de saúde; a segunda foi de Eliane nos 1º, 3º, 7º e 9º encontros pois foi a casa da mãe no final de semana, no 8º pois foi a um encontro da igreja e no 10º encontro faltou pois estava em aula; a terceira falta foi de Rute no 7º encontro pois estava em processo de mudança para uma casa e no 8º pois havia viajado para um encontro da igreja.

1º Encontro: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...” – *Como você se sente hoje?*

Neste primeiro momento foram colocados os objetivos da pesquisa e estabeleceu um contrato terapêutico. Em seguida realizou um alongamento e a “Dinâmica do Espelho”, onde um participante fica de frente para outro e um deles dança e o outro reproduz o mesmo movimento. Ao término da dinâmica iniciou o ensaio da coreografia com a música “Aquarela – Toquinho” foi escolhida pelos próprios participantes dentre as opções oferecidas. Finalizando este momento com um relaxamento corporal. Os participantes apresentavam-se inicialmente tímidos, mas, ao decorrer do encontro se dispersaram e precisaram de incentivo para continuar a atividade, entretanto, colaboraram na montagem da coreografia.

A pintura do dia tinha como pergunta: *Como você se sente hoje?* Ao iniciar um diálogo mais próximo percebia-se a necessidade de atenção de alguns participantes, e em outros a dificuldade de interagir com pessoas novas, bem como de expor opiniões e pensamentos, não aprofundando no sentido do tema para não trazer seus sentimentos internos, resultando na maior parte do tempo em falas curtas. A maioria retratou estar feliz naquele momento e antes dele, somente Allan não falou sobre o que sentia, disse que não queria falar de sentimentos, mas sim de algo que gosta, ou seja, que tinha significado para ele.

“[...] aqui é minha casa no campo [...] essa é outra casa que eu quero ter quando crescer. Hoje foi bom” (Allan)

“[...] eu achei bom que eu me diverti com a dança. Antes eu estava feliz também, mas conseguimos se relacionar melhor...” (Carla).

“[...] a atividade foi boa e antes eu estava feliz [...] Foi bom a gente interagiu um pouco. ” (Leandro)

“[...] eu estou feliz porque a gente se divertiu e interagiu um pouco...” (Rute)

2º Encontro – “Sonhar mais um sonho impossível, lutar quando é fácil ceder, vencer o inimigo invencível, negar quando a regra é vender” – *Qual o seu maior sonho?*

Neste encontro Eliane ingressou no grupo. Realizou o aquecimento, uma dinâmica, o ensaio da coreografia aquarela e o relaxamento corporal. A dinâmica do dia teve como objetivo principal diminuir a timidez dos participantes. Eles teriam que tocar apenas duas partes do corpo no chão fazendo posições engraçadas. Os participantes do sexo masculino apresentaram-se eufóricos e a todo momento buscavam atenção do grupo.

Três acontecimentos foram relevantes neste encontro, Eliane foi caçoada em alguns momentos e os pesquisadores precisaram intervir, também, durante pintura várias vezes ela apresentou um discurso negativo sobre si. O segundo foi o comportamento de Rute, ela aparentava estar preocupada durante todo o grupo e muitas vezes dispersa. Após o encontro uma funcionária relatou que ela estava se preparando para deixar o abrigo, pois em breve completaria 18 anos e não teria onde morar. Durante a atividade expressiva de pintura ela retratou sonhos que condiziam com a situação que estava vivenciando. Rute representou em sua fala, o que deseja para o seu futuro, algo que parece consolidado em sua cabeça, que já são mais que sonhos, são metas. Já Carla, colocou um sonho que segundo ela, nunca havia revelado e que surpreendeu a todos, pois a mesma dificilmente fala de si mesma, permanecendo a maior parte do tempo calada, não colocando suas vontades.

“[...] trabalhar, terminar meus estudos, ser aprovada no ENEM, ter minha casa própria, estabilidade financeira e aí vai. [...] eu estou em dúvida entre psicologia e enfermagem...” (Rute).

“[...] eu quero ser cozinheira. [...] Eu gosto de fazer lasanha. [...] Eu não sei fazer doce não...” (Carla).

“[...] meu sonho é ser jogador e ter um campo...” (Bruno).

“[...] eu tenho o sonho de ser socorrista e bailarina...” (Eliane).

3º Encontro – “Felicidade é só questão de ser” – O que te faz feliz?

Neste encontro foi realizado novamente todo o processo de preparação, ensaio e relaxamento e ainda uma dinâmica de dança livre, onde os participantes dançaram de forma espontânea uma música lenta. Alguns participantes apresentaram-se um pouco tímidos principalmente no momento da dinâmica e outros buscaram chamar atenção do grupo. Rute demonstrou muita timidez e aparentava ainda estar preocupada, interagiu pouco permanecendo em silêncio a maior parte do encontro.

Bruno apresentou-se muito eufórico conversando muito durante a atividade e sobre o que o fazia feliz. Neste encontro Allan aprofundou-se melhor no que buscou descrever em sua pintura falando de forma aberta, sem medo de demonstrar afeto por algumas pessoas, que segundo ele, o faz feliz. Ambos evoluíram com relação a expressão dos sentimentos já que sempre apresentaram um comportamento disperso, tentando não trazer muito o que realmente sentiam.

“[...] aqui é uma bola de futebol, que eu gosto também de jogar, né? Eu sou zagueiro, eu só posso fazer gol de pé ou de cabeça. E eu só gosto de participar, entrar como titular... [...] Aqui “foi” uma bíblia. [...] Eu leio a bíblia, tenho minha bíblia sagrada. E isso aqui é o amor de Deus, porque ele sempre me ajuda e me dá força...” (Bruno).

“[...] aqui é minha alegria, mas minha alegria não é só isso. Tem minha família, tem meus amigos de lá do colégio [...] Minha família é “eles daí” e minha mãe...” (Allan).

“[...] eu coloquei que eu gosto muito de dançar. [...] Eu aprendo coisas novas com vocês, me sentindo melhor...” (Carla).

“[...] eu desenhei o campo de futebol porque é uma das coisas que me deixam feliz [...] porque eu “tô” correndo, e eu gosto de treinar, gosto de “tocar” e mostrar “pros” caras que eu sou bom...” (Leandro).

4º Encontro – “Ei medo...eu não te escuto mais, você não me leva a nada ” – O que te faz sentir medo?

Foi realizado a mesma dinâmica do 3º encontro e o mesmo processo na dança. O objetivo desta temática era que os participantes colocassem seus medos que possivelmente poderiam estar interferindo na sua expressão e autoestima. Os participantes tiveram menos dificuldade de realizar gestos durante a música, o que indica que a timidez estava diminuindo durante os encontros.

Durante a atividade da pintura os participantes demonstraram temores como: não conseguir ser independente, medo de animais, medo do escuro, medo da morte, de perder a família, medo da violência e de ladrões, ou seja, medos reais e medos abstratos que podem estar associados a institucionalização, que vem acompanhados de vários sentimentos inerentes ao processo de separação da família.

“[...] eu tenho medo de perder meu filho e minha mãe. [...] eu tenho medo de amar e de sofrer...” (Carla).

“[...] eu tenho medo da morte, de perder minha família e de cobra...” (Allan).

“[...] eu tenho medo de não viver a vida normal como todo mundo. De perder uma perna e não conseguir fazer as coisas que eu gosto de fazer...” (Leandro).

“[...] eu tenho medo de violência e de ladrão...” (Eliane).

“[...] eu tenho medo de escuridão [...] quando eu sonho com coisas ruins eu fico procurando assim... no escuro. Aí eu chego e fico escondidinho me tremendo de medo.” (Bruno)

5º Encontro – “Amanhã vai ser melhor que hoje! Novos sonhos ao amanhecer” – O que você espera do futuro?

Neste encontro inseriu mais uma coreografia para a apresentação. A música utilizada foi a “All Star- Smash Mouth“ que foi escolhida pelos participantes. Realizou a “Dinâmica do Boneco” na qual um participante fica de frente para o outro, um deles é o boneco e o outro pode movimentar seus membros colocando nas posições, de pé, sentado, entre outros. Os adolescentes demonstraram resistência ao toque, sentindo-se muitas vezes envergonhados. Algo que chamou atenção foi o discurso frequente e negativo sobre si de Eliane.

O objetivo da Pintura era que os participantes demonstrassem suas esperanças e medos com relação ao futuro e quais planos tinham para ele. Todos eles desmontaram não só no desenho, mas também nas falas, o desejo de construir uma família, uma vida profissional e ter bens materiais. Foi ratificado a importância do estudo para a realização desses objetivos. Rute traz novamente as metas/sonhos que pintou no 2º encontro. Significa que, estes objetivos são muito importantes para ela. Em sua fala é possível perceber que este planejamento rege sua vida e suas atitudes. Carla faz o desenho, mas prefere não falar sobre ele, no entanto ela escreve que gostaria de ter um trabalho e construir sua casa. Leandro traz o desejo de construir um futuro sólido, o que ele demonstra ser importante e necessário em sua vida, pois busca por segurança.

“[...] eu quero ter uma vida normal. Ter uma casinha, [...] ter uma família, ter um carro, ter um filho, tudo planejado, para eu ficar tranquilo e seguro...” (Leandro).

*“[...] eu fiz uma escada [...] porque tudo que a gente “tá” fazendo hoje, ou seja, estudando ou outras coisas a gente tá fazendo isso porque a gente tem metas e objetivos, então eu coloquei esses “degrauzinhos” representando todas as minhas metas e objetivos e onde eu quero chegar. [...] **Estabilidade financeira, entrar na faculdade, trabalhar, ter um filho, construir aos poucos, eu acho que o que a gente “tá” plantando hoje a gente colhe...**” (Rute).*

“[...] estudar, dá uma casa pra minha mãe, morar perto da praia...” (Eliane).

“[...] para conseguir realizar eu vou ter que me esforçar bastante e estudar [...] eu desenhei aqui eu chutando a bola.... (Bruno).

“[...] ter uma casa, um carro, uma mulher, três filhos ou dois...” (Allan).

6º Encontro – “Sei que minhas qualidades cobrem meus defeitos ” – *Quais são suas qualidades?*

Neste encontro houve presença de alguns visitantes que haviam ido ao abrigo realizar uma intervenção. Durante o momento da dança os adolescentes apresentaram-se empolgados com a presença dos visitantes e buscaram mostrar os passos que haviam aprendido, exceto Carla, que aparentou estar incomodada e envergonhada pela presença destes.

O objetivo da pintura era que os participantes identificassem e refletissem sobre suas qualidades. Os adolescentes colocaram de forma objetiva e superficial, qualidades como ser otimista, ser bondoso, ser bom no futebol, ter amor aos amigos e ter esperança. Leandro inicialmente disse que não tinha nenhuma qualidade, então os pesquisadores ajudaram-no a refletir e encontrar qualidades, onde ele conseguiu trazer que nunca desisti das coisas, como no futebol, mesmo errando não desisti de fazer gol, portanto sua qualidade era “não desistir nunca de nada”, ele ficou muito feliz em descobrir que tinha essa qualidade.

“[...] minha qualidade é não desistir nunca de nada...” (Leandro).

“[...] minha qualidade é ajudar e ser solidária...” (Eliane).

“[...] ter amor com os amigos e jogar bola...” (Allan).

“[...] a minha é ajudar as pessoas e ser bondosa...” (Carla).

“[...] minha qualidade é ser otimista. [...] às vezes eu sou. Mas sempre tento ser...” (Rute).

“[...] minhas qualidades “é” ser bondoso e ter amor e esperança...” (Bruno).

7º Encontro – “Dança é só para meninas! ” – *Encontro com um Professor.*

Os participantes estavam concentrados e buscaram participar de forma efetiva do encontro. Entretanto foi necessário fazer um ajuste na coreografia “Alla star” pois alguns participantes estavam com dificuldade em aprender e Allan se frustrou com essa mudança dizendo que não iria mais dançar, sendo assim necessitou de incentivo dos pesquisadores para continuar a participar do encontro.

Neste dia não houve pintura. Aconteceu uma aula de dança urbana com um professor do sexo masculino, pois os meninos estavam sempre colocando que “a dança é só para meninas”. Eles estavam eufóricos e foram muito participativos. Inicialmente Carla participou

da aula, mas sentiu-se inibida com a presença do professor e em determinado momento desistiu de continuar dançando.

As falas dos meninos chamaram a atenção das pesquisadoras. Eles trouxeram um discurso sobre masculinidade relacionado a dança de forma positiva. Isto aconteceu pela primeira vez. Sempre se queixavam das roupas e sapatilhas relacionando a dança a algo só para mulheres. Este momento influenciou positivamente os encontros seguintes pois criou uma maior aceitação do figurino e conseqüentemente dos ensaios.

“[...] esse professor dança bem. Eu gostei! [...] mas porque ele usa sapato e a gente usa sapatilha de ballet?” (Bruno).

“Ele é homem de verdade, todo musculoso...” (Leandro).

8º encontro – “Tenho razão de sentir saudade” – Do que você sente falta?

No momento da dança Bruno apresentou-se inquieto e demonstrou dificuldade em se concentrar, interferindo também na concentração dos demais presentes. Os participantes foram incentivados a irem até a frente de todos para dançar (como um professor de dança), servindo de referência para demais participantes. Esta estratégia foi usada para estimular uma maior concentração durante o ensaio.

A pintura teve como objetivo expressar de que ou quem os participantes sentiam falta. Alguns desmontaram sentir saudade de funcionários do abrigo, da família e de jogar bola.

“[...] eu sinto falta de ir “pra” escola e estudar [...] eu parei de ir quando tive o meu filho, pois agora só posso pensar nele...” (Carla).

“[...] eu sinto falta da minha família. [...] da minha mãe, dos meus irmãos mas sinto mais falta “é” do meu pai que já morreu...” (Allan).

9º Encontro – “Cada um sente e demonstra de um jeito...” – O que significou estes encontros para você?

Neste encontro os participantes apresentaram-se bastante nervosos pois aguardavam com ansiedade a apresentação. Pediram para ensaiar enquanto as pesquisadoras observavam para mostrarem que haviam decorado a coreografia, pois tinham ensaiado em outros dias da semana sozinhos. Este momento foi filmado de forma separada para que eles pudessem assistir.

A temática do desenho neste dia era identificar os benefícios e mudanças ocasionados pelos encontros. Os adolescentes demonstraram sentimentos como alegria e emoção, mas tristeza por estar terminando. Leandro relatou que no início dos encontros sentia tristeza porque para participar precisava faltar aos treinos na escolinha de futebol a qual frequenta, mas que

depois não tinha problema, pois gostava muito de estar ali com as pesquisadoras. Rute relatou que os encontros lhe trouxeram mudanças no seu comportamento como: se sentia mais confiante e menos tímida, conseguindo falar de seus sentimentos. Allan comentou que a dança o deixou com uma melhor coordenação e que aprendeu a respeitar os limites dos colegas.

“[...] no início eu não gostava não, sentia tristeza porque tinha que faltar a escolinha. Mas depois eu gostei, foi legal, pois gosto muito de ficar com vocês...” (Leandro).

“[...] eu senti alegria desde o início. Eu era tímida e agora “tô” melhor. A palavra que descreve mesmo é gratidão. E agora que “tá” acabando vai deixar saudade...” (Rute).

“[...] eu senti alegria e amor. A dança é ótima, maravilhosa. (...) aprendi a ter mais respeito e meu corpo ficou mais mole (risos). Eu não tive vergonha de dançar...” (Allan).

“[...] eu senti muita alegria e emoção na dança. Deixei até o corpo mais molinho...” (Carla).

A timidez e a melhora na coordenação de seu corpo foram dois pontos trazido pelos adolescentes, segundo Almeida e Rocha (2007) a dança tem como objetivos a socialização, diversão, descontração, desinibição, alegria e quebrar muitos conflitos causados pelo cotidiano. É uma expressão e comunicação, comparada a linguagem oral, que estimula as capacidades humanas e desenvolve as suas habilidades psíquicas, melhorando a timidez.

10º Encontro – “Foi mais legal do que eu imaginava!” – Apresentação.

No último dia aconteceu a apresentação das duas coreografias ensaiadas nos encontros anteriores: “Aquarela – Toquinho” e “All star – Smash Mouth“. O local da apresentação foi a Universidade Federal de Sergipe – Campus Lagarto, no mesmo município onde o abrigo está localizado, o evento foi organizado pelo Departamento do curso de Terapia Ocupacional – II Simpósio Sergipano de Terapia Ocupacional, sendo que a apresentação das danças fez parte da abertura do evento. Apenas 5 participantes se apresentaram, somente Eliane que não estava. Todos estavam usando figurino e as adolescentes fizeram uma maquiagem artística para a apresentação. Quando as pesquisadoras chegaram para busca-los todos estavam prontos e bastante ansiosos e felizes para a apresentação. Allan disse: **“Nem acredito, chegou o nosso grande dia”**.

O objetivo da apresentação era proporcionar a experimentação do sentimento de autoconfiança e valorização, que podem contribuir para a melhora da autoestima e da expressão.

Ao entrarem no local os participantes ficaram retraídos e envergonhados, devido a quantidade de pessoas que ali se encontravam. Quando chegaram na universidade Leandro viu a quantidade de carros e logo falou: ***“Jesus, tudo isso é para nos vermos, dê meia volta e me leva para casa de volta, nem do carro vou descer”***. Entretanto, todos saíram dos carros um pouco tímidas, mas confiantes. Ao iniciar a dança, demonstravam segurança e felicidade. Ficou nítido em seus semblantes a alegria em serem aplaudidos de pé. Todos relataram estarem felizes pelo resultado e demonstraram anseio de continuar a dançar. Estas sensações e desejos foram maior observados nas falas:

“[...] hoje eu realizei meu sonho! Quando a gente vai dançar de novo? [...]” (Carla).

“[...] eu dancei muito bem viu! Nem acredito no que aconteceu ali dentro, foi demais[...]” (Allan).

“[...] foi muito legal hoje! Vai ter mais dança? Vocês vão voltar né?! Me senti muito bem, como se realmente eu fosse um artista, um profissional. Tô muito feliz[...]” (Leandro).

“[...] Professora! Professora! Foi muita “massa”! Todo mundo bateu palma para a gente!” [...]” (Bruno)

“Eu fiquei com tanta vergonha que não consegui nem sorrir! (Risos) “Mais” foi muito bom. Estou me sentindo com o dever cumprido! [...]” (Rute)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tanto por meio da pintura ou da dança. Foi possível perceber o quão foi importante a utilização destes dois recursos pois, nem sempre é possível identificar e refletir sobre os acontecimentos dos encontros somente por meio de um deles, ambos perpassaram entre si, como um conjunto de características individuais. Segundo Valladares et al. (2003) todos podem e devem expressar seus conflitos internos por meio das atividades expressivas, indiferente de qual atividade vai utilizar.

Castro (2006) traz que através da dança e dos movimentos que realiza, o sujeito expressa algo de si. A dança tem a possibilidade de expor anseios, pensamentos e sensações. Isto ficou nítido nas falas de Carla durante os encontros quando relatou seu desejo de ser cozinheira, seu medo de amar e a saudade que sente de estudar.

Pode-se relacionar essa situação que ocorreu durante a dança com uma situação na vida. Quando o sujeito ultrapassa a intercorrência que causou uma frustração mostrando a si

mesmo que é capaz de se superar, aumentando a sua autoconfiança e autoestima, reagindo de forma diferente a outras situações que podem vir a acontecer.

No segundo encontro é possível observar nas falas dos participantes, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas no passado e até hoje, todos os adolescentes continuam com seus sonhos vivos. Sonhos estes que perpassam pelas ideias infantis e outros como de Rute que são metas necessárias para o que está vivendo no momento. Segundo Almeida e Pinho (2008, p. 176) a adolescência é:

[...] um período de confronto entre as fantasias e identificações da infância e as exigências reais, seja de uma profissão, seja do mundo adulto. Sendo assim, o adolescente que escolhe encontra-se numa fase de transição, de mudanças, de adaptação e de ajustamento, quando deixa para trás o mundo infantil para entrar na vida adulta.

Castro (2006) aponta que, através da dança é possível acordar o “movimento expressivo” que se refere ao mundo interior que se transforma em gestos e expressão de ideias, sentimentos, sensações e conteúdos inconscientes. Algo a ser pontuado é que foi possível visualizar este “movimento expressivo” nos momentos da dança e da pintura. A cada encontro os participantes conseguiram expressar melhor seus sentimentos relacionando-os aos temas propostos durante as atividades, relatando de forma mais profunda suas reflexões. Isto foi observado por exemplo no comportamento de Rute durante os encontros e por seu relato no 9º dia onde fala que logo no início era muito tímida e hoje se expressa muito melhor.

No quarto encontro, Carla demonstrou claramente medos profundos relacionadas a perdas e sentimentos não correspondidos. O que isto significa para uma moça, tão jovem que já é mãe? Porque será que ela tem medo de amar? Será que ela recebeu amor? Esse assunto foi discutido entre os participantes e a maioria se identificou com esses sentimentos. Allan trouxe o medo de coisas que estão acima do controle, como a morte. Mas, o medo que mais chamou a atenção foi o de perder a família, dito por Allan. Mas, quando um outro adolescente pergunta a ele: “*Quem é a sua família? Antes de qualquer resposta um dos seus irmãos que estava participando da atividade diz “Família, medo de perder a família, mas que família? Eu não tenho família! [...]”*”. Allan permanece quieto e abaixa a cabeça. Esta fala traz uma reflexão, o quanto o ambiente institucional contribui para a relação familiar?

Barreto (2004, p. 2) traz que “dançar é expressar emoções por meio do corpo”. No 3º e 4º encontros foi proposta a dinâmica da “dança livre”, na qual, foi possível identificar diferenças no comportamento dos adolescentes. No terceiro encontro os participantes apresentaram-se tímidos, realizavam poucos gestos para se expressar, já no quarto encontro

quando se repetiu a dinâmica, o comportamento foi diferente do inicial, participantes utilizaram mais o espaço, realizando mais gestos e passos diferentes, demonstrando-se à vontade durante a atividade.

Liberman (2010, p.71) afirma que “pequenos acontecimentos podem reverberar em outros jeitos de funcionar, viver e apresentar-se frente as pessoas, criando realidades diferentes”, sendo que as frustrações são comuns na dança, às vezes, a execução não sai como esperava ou é necessário a troca de um passo. No sétimo encontro isso aconteceu, onde Allan ficou frustrado com a mudança dos passos na coreografia, pensando até em desistir. Assim, é necessário enfrentar essas frustrações para continuar a dançar.

No 8º encontro Carla relata algo muito complexo, que envolve o fato de ter sido mãe durante a adolescência. Sabe-se que a adolescência é uma fase cheia de peculiaridades, atrelada a maternidade e a um contexto de vulnerabilidade, o que se passa na cabeça de Carla? O que acontece com sua expressão e autoestima? Ela relata a maternidade em várias das suas pinturas e este fator parece impedi-la de realizar vários desejos seus, pois acredita que só pode pensar em seu filho e não mais nela. Allan coloca a falta que sente da família e mais uma vez, um dos irmãos se pronuncia dizendo que se sente sozinho e que sente que não tem irmãos. E quando as pesquisadoras se referenciaram aos outros irmãos como pessoas com quem ele pode contar, ele colocou que: *“estes são só amigos [...] bom é apenas Deus”*. O vínculo destes irmãos foi fragilizado. Como? Porque? Esta fala traz mais reflexões sobre a relação familiar dentro de um ambiente que não é tão familiar para eles.

Nos primeiros encontros era nítida a timidez principalmente nas meninas, elas permaneciam caladas e quando eram colocadas a frente para dançar, sentiam-se inibidas. Ao longo do tempo, e a partir de incentivos elas conseguiram uma maior participação, colaborando na montagem da coreografia e colocando suas opiniões. Nos meninos a evolução foi mais lenta já que o comportamento apresentado era a busca de atenção das pessoas presentes. Ao passar dos encontros percebeu-se uma diminuição desse comportamento, tendo uma mudança para a preocupação de aprender os passos e a coreografia e utilizar o momento do desenho para realmente conseguir falar de si.

É possível perceber que as falas são curtas e eles trazem de maneira superficial o que estão sentindo, demonstrando durante todo encontro timidez e medo de falar algo errado. Mas um ponto muito importante foi que três dos sujeitos relataram que durante a atividade de dança conseguiram ter uma boa interação e relacionamento entre eles.

Segundo Robatto (1994) a dança apresenta seis funções principais como auto expressão, comunicabilidade, divertimento e prazer, caracterização cultural, revitalização social e a

espiritualidade. Tem também forte poder motivador quer seja praticada sozinho ou em par, seja idoso, adulto ou criança, seja homem ou mulher. É uma atividade praticada para toda a vida e que consegue melhorar e/ou aprimorar as interações sociais.

Segundo o relato dos participantes houve um aumento na autoestima, na expressão e na melhora comportamento entre eles, entretanto, cada um foi tocado e modificado por estes encontros de forma singular, demonstrando sonhos, medos e expectativas de forma diferentes um do outro. Liberman (2010) discute isto em uma de suas experiências, dizendo que ao incentivar os participantes a falarem de suas sensações e impressões é possível perceber os quão singulares são. Pois, as respostas são muito diferentes mesmo falando de um mesmo fator, pois isto tem a ver como este momento afetou a cada um deles e como cada um experimentou este momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido ressaltar o quanto é importante a inserção do terapeuta ocupacional nas instituições para crianças e adolescentes, já que este profissional está apto a levantar demandas e intervir de forma eficaz, pois devido a sua formação consegue perceber o sujeito como ser biopsicossocial.

Considerando a história de vida das crianças e/ou adolescentes que estão no abrigo e as características e objetivos deste ambiente em que estão inseridos, pode-se afirmar que é importante possibilitar espaços de encontro em que estes sujeitos se expressem, compartilhem sentimentos e perspectivas para que assim possam amparar-se mutuamente, ampliando a sua rede de apoio.

É necessário dizer que a dança pode ser um recurso utilizado nos atendimentos da Terapia Ocupacional já que é uma ferramenta potencializada da expressão e promotora de habilidades internas do sujeito, o que possibilita a experimentação de novas sensações e vivências. A pintura também foi um recurso de extrema importância durante os encontros, já que ela possibilitou aos participantes externalizar o que foi vivenciado na dança e a maioria deles relata do extrema de ter este momento durante cada encontro.

Entretanto, como visto na análise, muitos questionamentos surgiram no decorrer do trabalho que não puderam ser sanados, pela falta de tempo hábil e por não serem os objetivos naquele momento. Por isso a análise não termina, mas instiga a necessidade de novas pesquisas com esses sujeitos e lugar, permitindo um maior aprendizado dos profissionais, além de um cuidado e atenção a esta população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 2, Rio de Janeiro, 2008.

ALMEIDA, C. M.; ROCHA, M. D. Dança de salão, instrumento para a qualidade de vida. **Movimento e Percepção**, n. 10, p. 76-89, jan/jun. 2007.

BARRETO, D. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola** - Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BRITO, A. M. M.; ZANETTA, D. M. T.; MENDONÇA, R. DE C. V.; BARISON, S. Z. .; ANDRADE, V. A. G. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciência e saúde coletiva**, v.10, n.1, p.143-149, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a15v10n1.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2017.

CASTRO, E. **Dança, Corporeidade e Saúde Mental: Experimentações em Terapia Ocupacional**. Em Arcuri, I. (org.), *Arteterapia de Corpo e Alma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

CARVALHO, A. Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e desafios, 2002. In: Lordelo, E.; Carvalho, A.; Koller, S.H. (Eds.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**, São Paulo, v.1, p.19-44, s/d.

CAVALCANTE, L. I. C. ; MAGALHÃES, C. M. C. ; PONTES, F. A. R. **Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento**. **Aletheia**, n.25, p.20-34, jan./jun. 2007.

CAVALCANTE, L. I. C.; MAGALHÃES, C. M. C.; REIS, D. C. dos. **Análise Comparativa do Perfil de Crianças em Acompanhamento Institucional nos anos de 2004 e 2009**. *Psico*.v.45, n.1, pp 90-99, Jan/Mar. 2014.

CECCONELLO, A. M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. Tese de doutorado não-publicada, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

COWAN, P. A.; COWAN, C. P.; SCHULZ, M. S. Thinking about risk and resilience in families. In E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Eds.), **Stress, coping, and resiliency in children and families** (pp.1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996.

FERREIRA, Frederico Poley Martins. **Crianças e adolescentes em abrigos: uma regionalização para Minas Gerais**. Serv. Soc. Soc. [online]. 2014, n.117, pp.142-168. ISSN 0101-6628. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282014000100009>.

FREIRE, I. M. **Na dança contemporânea, cegueira não é escuridão**. Ponto de Vista, Florianópolis, n. 6/7, p. 57 - 78, 2005.

GALHEIGO; Sandra Maria. **O Abrigo para Crianças e Adolescentes: Considerações Acerca do Papel da terapia Ocupacional**. Ver. Ter. Ocup. Uni-SP. v. 14, n. 12, p.85-94. Mai./Ago. 2003.

HUTZ, C. S., KOLLER, S. H.; BANDEIRA, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. **Coletâneas da ANPEPP**, 1, 79-86, 1996.

LIBERATO; M. T. C.; DIMENSTEIN, M. Experimentações entre Dança e Saúde Mental. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 1, p. 163-176, Jan/Abr. 2009.

LIBERMAN, F. **Danças em Terapia Ocupacional**, São Paulo: Summus, 1998.

LIBERMAN, F. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e Procedimentos em uma Terapia Ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos. V. 18, n 1; p 67-76. Jan-Abr 2010.

LUVIZARO, N. A; GALHEIGO, S. M. Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v.22, n.2, p.191-199, maio/ago.2011.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo. Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MOEHLECKE, V. **O dançar do corpo: experimentações rebeldes no contemporâneo**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

NEGRINE, A. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

NOAL, J; NEIVA-SILVA, L. **Adoção, adoção tardia e apadrinhamento afetivo: intervenções em relação a crianças e adolescentes vítimas de abandono e institucionalizadas**. In: HUTZ, C.S. (Org.). **Prevenção e intervenção em situações de risco e vulnerabilidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

- OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- PORTINARI, M. História da dança. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- REIS, B. M.; FERRACINI, R. **Dança e Saúde Mental: Ações de Potência**. ARJ, Brasil. V. 3, n 1. P 129-141. Jan/Jun, 2016.
- ROBATTO, L. **Dança em processo: a linguagem do indizível**. 1ª Edição. Ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA; 1994.
- SAAD, B; VILLARREAL, G. **Caracterização do problema do menor abandonado**. In: FREIRE, F. (Org.). Abandono e adoção: contribuições para uma cultura da adoção. Curitiba: Terre des Hommes, 1991, p. 34-36.
- SIQUEIRA, A. C., DELL'AGLIO, D. D. **O Impacto da Institucionalização na Infância e na Adolescência**: Uma Revisão de Literatura. *Psicologia & Sociedade*; 18 (1): 71 - 80; jan/abr. 2006.
- STRAZZACAPPA, M. A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança Na Escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, no 53, pp. 69-83 abril, 2001.
- VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 5 n. 1 p. 04 – 09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>.
- YUNES, M. A., MIRANDA, A. T., CUELLO, S. S.; ADORNO, R. S. **A história das instituições de abrigo às crianças e concepções de desenvolvimento infantil** [Resumo]. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Ed.), Resumos de comunicações científicas, XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia (pp.213-214). Florianópolis: SBP, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O sujeito _____, está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada: “**TERAPIA OCUPACIONAL, DANÇA E EXPRESSIVIDADE: FAVORECENDO ESPAÇOS DE ENCONTRO PARA ADOLESCENTES ABRIGADOS**”, que tem como objetivo geral descrever e discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança como recurso terapêutico, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes. Objetivos específicos: avaliar a possível melhora da autoestima e expressão dos adolescentes do abrigo após os grupos de terapia ocupacional e descrever o significado dos grupos de terapia ocupacional para os adolescentes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, os sujeitos da pesquisa serão todos os adolescentes que estiverem no abrigo, com idade entre 12 e 18 anos e que aceitarem participar da pesquisa. Serão realizados 10 encontros uma vez por semana, com duração de 2 horas. Nos encontros utilizará de atividades com dança, pintura e/ou desenhos. Os dados serão analisados pela análise de conteúdo. Durante os encontros será utilizado de fotografias, vídeos e gravação das falas dos sujeitos, no entanto, tudo preservando o anonimato de cada sujeito.

Asseguramos que não haverá, sob nenhuma circunstância, a divulgação de sua identidade, e que os dados coletados estarão disponíveis somente para revisão de pesquisadores e para publicações com propósitos científicos. Após a realização deste estudo, os participantes poderão ser informados acerca dos resultados, se assim o quiserem; também haverá a disseminação do trabalho realizado em revistas científicas, relatórios e apresentação em encontros e/ou congressos, preservando-se, sempre, o anonimato dos participantes e das instituições estudadas, levando em consideração os compromissos com os termos éticos.

Caso algum sujeito não queira participar da pesquisa, é direito e isso não vai interferir, portanto é livre para abandonar a pesquisa, por qualquer razão, sem que haja prejuízo ou desconforto no seu trabalho ou tratamento. Portanto, poderá retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem nenhum prejuízo.

A participação nesta pesquisa não trará complicações legais, e nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade, obedecendo aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

É garantido total sigilo do nome e imagem em relação aos dados relatados nesta pesquisa. O Termo será realizado em duas vias, na qual você receberá uma via e a outra via será mantida em arquivo pela pesquisadora responsável por cinco anos. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa, para esclarecimento de eventuais dúvidas. Nesse caso, entre em contato com os pesquisadores:

**Eu, _____ responsável pelo sujeito _____ CONCORDO
COM A SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.**

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora: _____

Data: ____/____/____ Assinatura: _____

Endereço

Email:

Orientadora: Prof^a Dr^a Raphaela Schiassi Hernandes Genezini
Co-Orientadora: Prof^a Dr^a Lavínia Texeira de Aguiar Machado
Departamento de Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Sergipe
Email: rapha_to@hotmail.com
Telefone: 14 997252718

APÊNDICE B

ATIVIDADES DE PINTURA

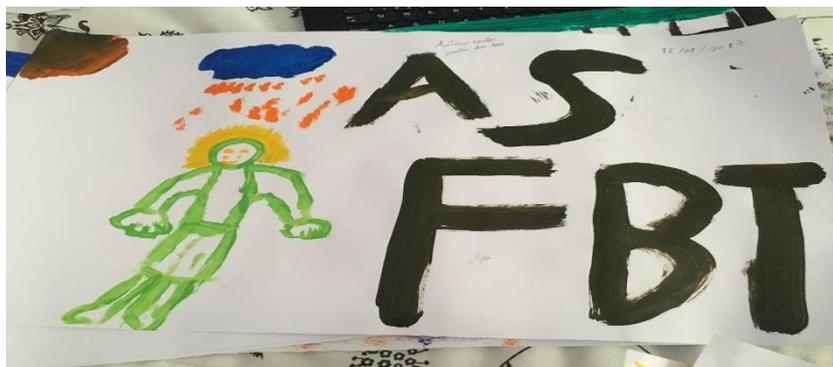
PRIMEIRO ENCONTRO: COMO VOCÊ SE SENTE HOJE?



“[...] Eu... Aqui é minha casa no campo [...] Essa é outra casa que eu quero ter quando crescer. Hoje foi bom...” (Allan).



“[...] A atividade foi boa e antes eu estava feliz [...] Foi bom a gente interagiu um pouco...” (Leandro).



“[...] Antes eu já estava feliz [...]” (Bruno).



“[...] Eu achei bom que eu me diverti com a dança. Antes eu estava feliz também...” (Carla).

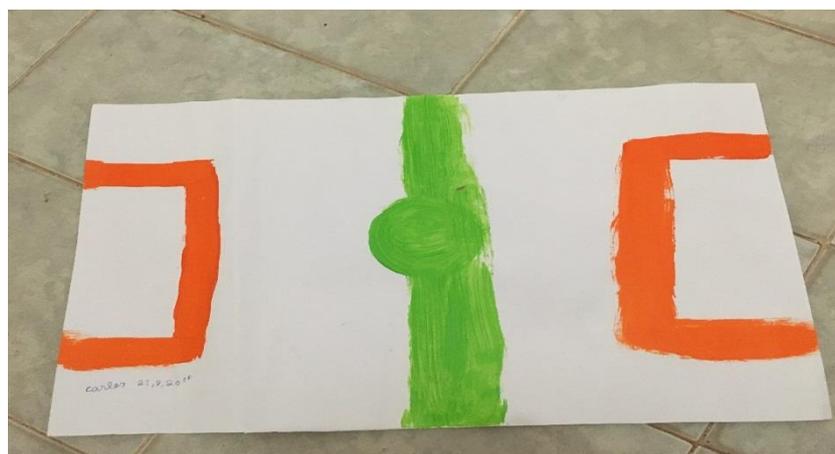


“[...] Eu estou feliz porque a gente se divertiu e interagiu um pouco...” (Rute).

SEGUNDO ENCONTRO: QUAL O SEU MAIOR SONHO?



“[...] Meu sonho é ser jogador e ter um campo...” (Bruno).



“[...] Meu sonho é ser jogador também [...] do Corinthians...” (Allan).



“[...] Eu tenho o sonho de ser socorrista e bailarina...” (Eliane).

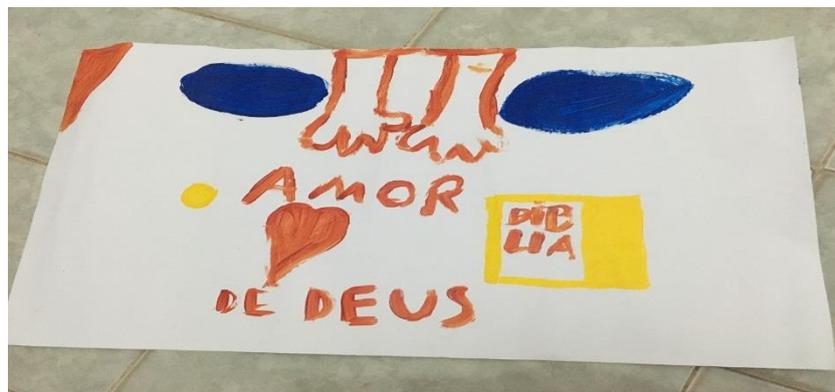


“[...] Trabalhar, terminar meus estudos, ser aprovada no ENEM, ter minha casa própria, estabilidade financeira e aí vai. [...] Eu estou em dúvida entre psicologia e enfermagem...” (Rute).



“[...] Eu quero ser cozinheira. [...] Eu gosto de fazer lasanha. [...] Eu não sei fazer doce não...” (Carla).

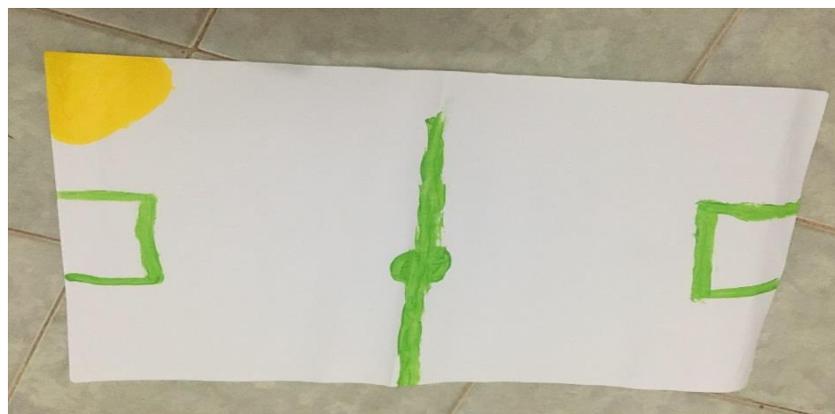
TERCEIRO ENCONTRO: O QUE TE FAZ FELIZ?



“[...] uma bola de futebol, que eu gosto também de jogar. Eu sou zagueiro, eu só posso fazer gol de pé ou de cabeça. E eu só gosto de participar, entrar como titular... [...] Aqui “foi” uma bíblia. [...] Eu leio a bíblia, tenho minha bíblia sagrada. E isso aqui é o amor de Deus, porque ele sempre me ajuda e me dá força...” (Bruno).



“[...] Eu coloquei que eu gosto muito de dançar. [...] Eu aprendo coisas novas...” (Carla).



“[...] aqui é minha alegria, mas minha alegria não é só isso. Tem minha família, tem meus amigos de lá do colégio [...] Minha família é “eles daí” e minha mãe...” (Allan).



“[...] eu desenei o campo de futebol porque é uma das coisas que me deixam feliz [...] porque eu “tô” correndo, e eu gosto de treinar, gosto de “tocar” e mostrar “pros” caras que eu sou bom...” (Leandro).



“[...] Eu desenei uma paisagem porque eu gosto muito de viajar. [...]Eu me sinto muito feliz...” (Rute).

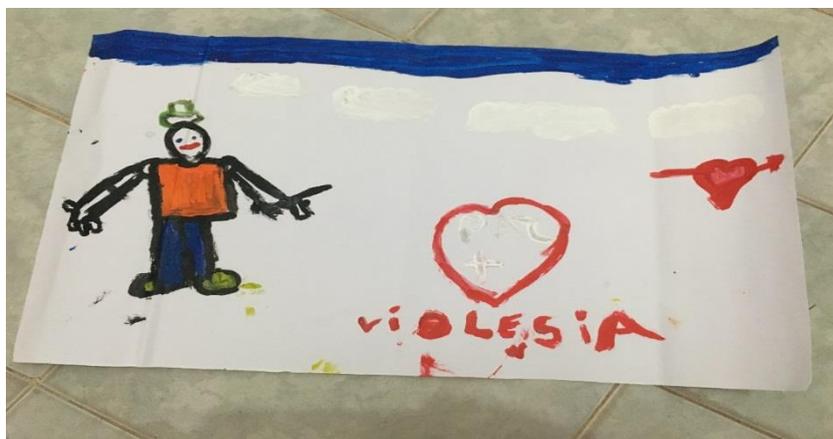
QUARTO ENCONTRO: O QUE TE FAZ SENTIR MEDO?



“[...] Eu tenho medo de não viver a vida normal como todo mundo. De perder um perna e não conseguir fazer as coisas que eu gosto de fazer...” (Leandro).



“[...] Eu tenho medo de cobra. Se eu tiver olhando o celular e eu ver uma cobra, eu jogo. Às vezes eu sonho com cobra, eu me acordo procurando na cama...” (Rute).



“[...] Eu tenho medo de violência e de ladrão...” (Eliane).

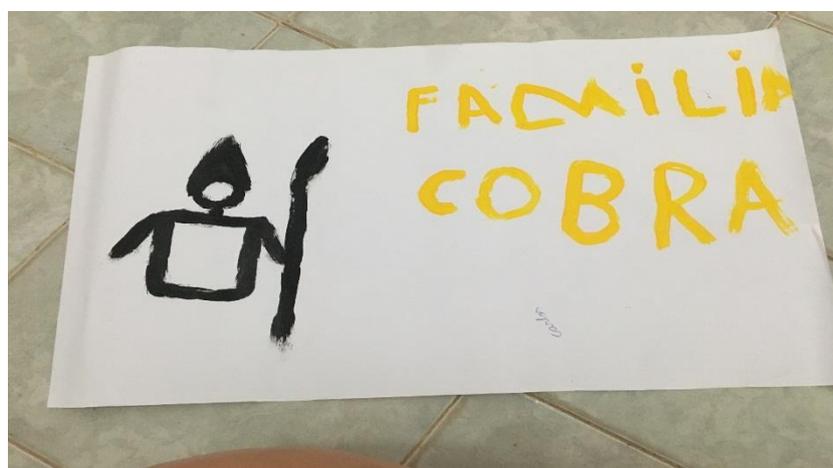


“[...] Eu tenho medo de escuridão. [...] Esses símbolos aqui “é” só “pra” enfeitar. [...] Quando eu sonho com coisas ruins eu fico procurando assim... no escuro. Aí eu chego e fico escondidinho me tremendo de medo...”

(Bruno).



“[...] Eu tenho medo de perder meu filho e minha mãe. [...] Eu tenho medo de amar...” (Carla).

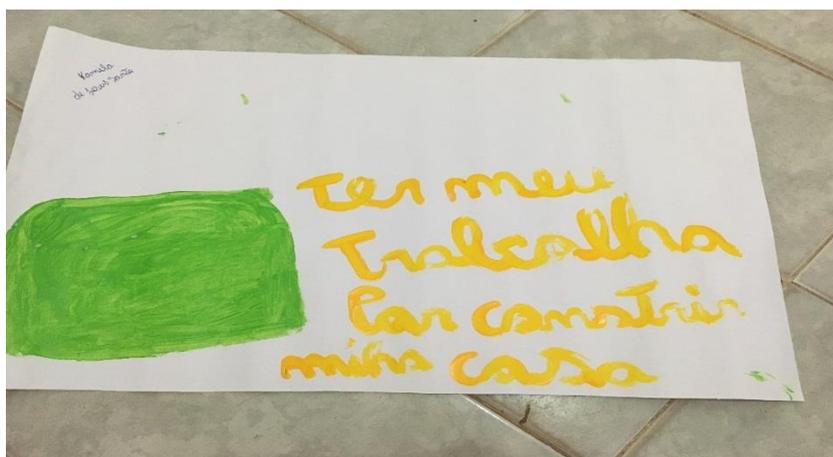


“[...] Eu tenho medo da morte, de perder minha família e de cobra.” (Allan)

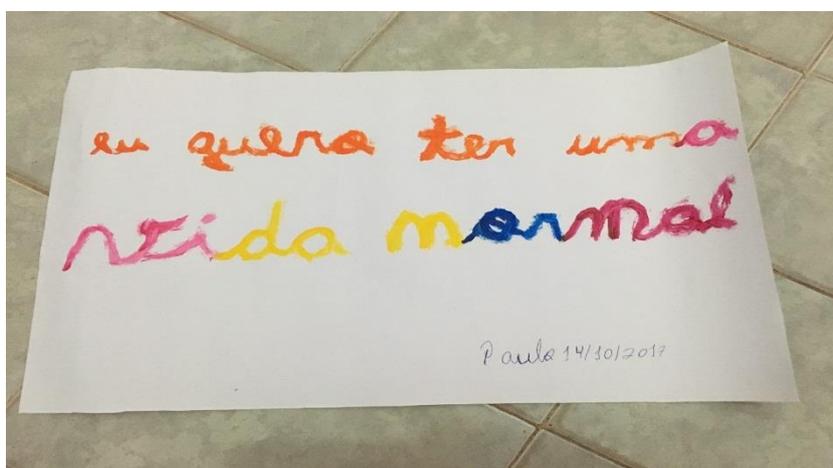
QUINTO ENCONTRO: O QUE VOCÊ ESPERA DO FUTURO?



“[...] Estudar, dá uma casa pra minha mãe, morar perto da praia...” (Eliane).



“[...] Não quero falar não...” (Carla).



“[...] Eu quero ter uma vida normal. Ter uma casinha, [...] ter uma família, ter um carro, ter um filho...”
(Leandro).



“[...] Eu fiz uma escada, dá “pra” ver aqui que eu não “tô”. Ai como a gente já tinha feito nossos sonhos antes.... Porque todo que a gente “tá” fazendo hoje, ou seja, estudando ou outras coisas a gente tá fazendo isso porque a gente tem metas e objetivos, então eu coloquei esses “degrauzinhos” representando todas as minhas metas e objetivos e onde eu quero chegar. [...] Estabilidade financeira, entrar na faculdade, trabalhar, ter um filho... construir aos poucos, eu acho que o que a gente tá plantando hoje a gente colhe...” (Rute).



“[...] Pra conseguir realizar eu vou ter que me esforçar bastante e estudar. [...] Eu desenhei aqui eu chutando a bola...” (Bruno).



“[...] Ter uma casa, um carro, uma mulher, três filhos ou dois...” (Allan).

SEXTO ENCONTRO: QUAIS SÃO AS SUAS QUALIDADES?

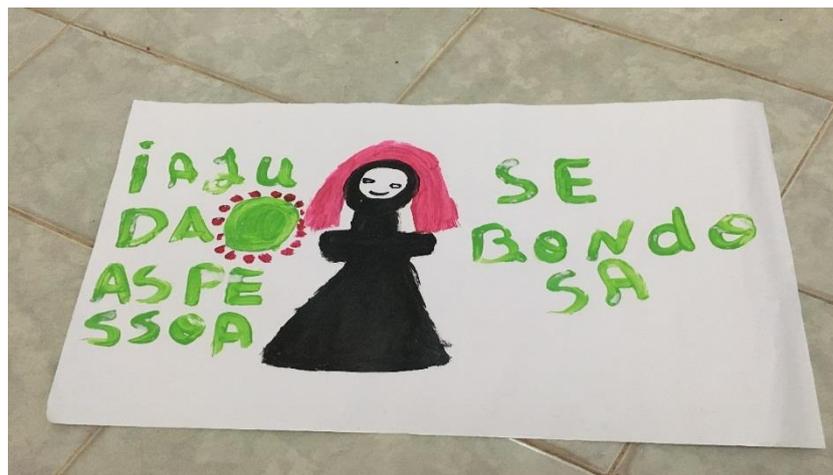
"[...] minha qualidade é não desistir..." (Leandro).



"[...] Minha qualidade é ajudar e ser solidária..." (Eliane).



"[...] Ter amor com os amigos e jogar bola..." (Allan).



“[...] A minha é ajudar as pessoas e ser bondosa...” (Carla).



“[...] Minha qualidade é ser otimista. [...] Às vezes eu sou. Mas sempre tento ser...” (Rute).

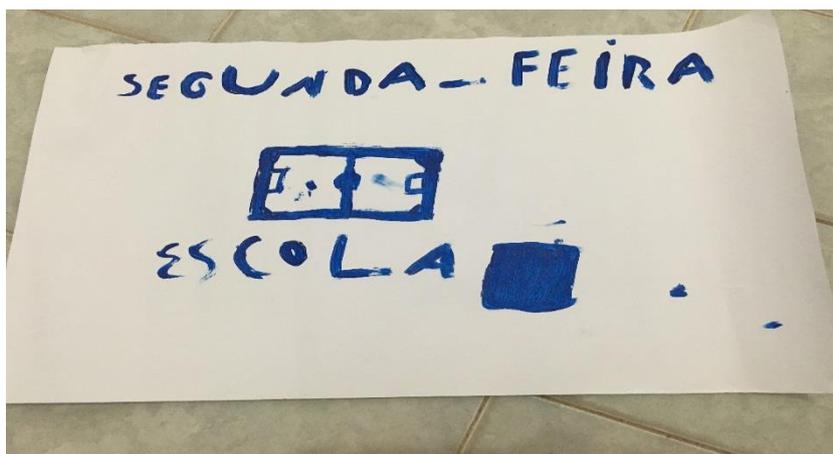


“[...] Minhas qualidades “é” ser bondoso e ter amor e esperança...” (Bruno).

OITAVO ENCONTRO: O QUE VOCÊ SENTE FALTA?



"[...] Eu sinto falta da minha família. [...] da minha mãe, dos meus irmãos mas sinto mais falta "é" do meu pai que já morreu..." (Allan).



"[...] Eu sinto falta de jogar bola e de ir a escola. Eu quero que chegue logo segunda para eu ir "pra" escola..." (Leandro).

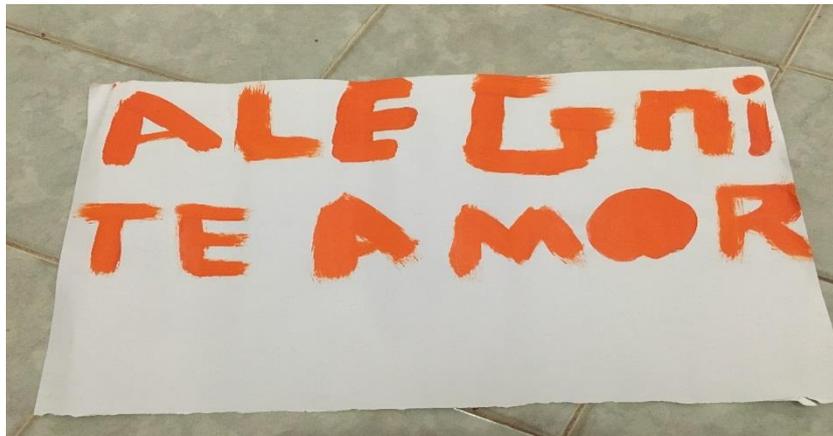


"[...] Eu sinto falta de ir pra escola e estudar. [...] Eu parei de ir quando tive o meu filho..." (Carla).



"[...] Eu sinto falta de tia Idália que trabalha aqui a noite..." (Bruno).

NONO ENCONTRO: O QUE SIGNIFICOI ESTES ENCONTROS PARA VOCÊ?



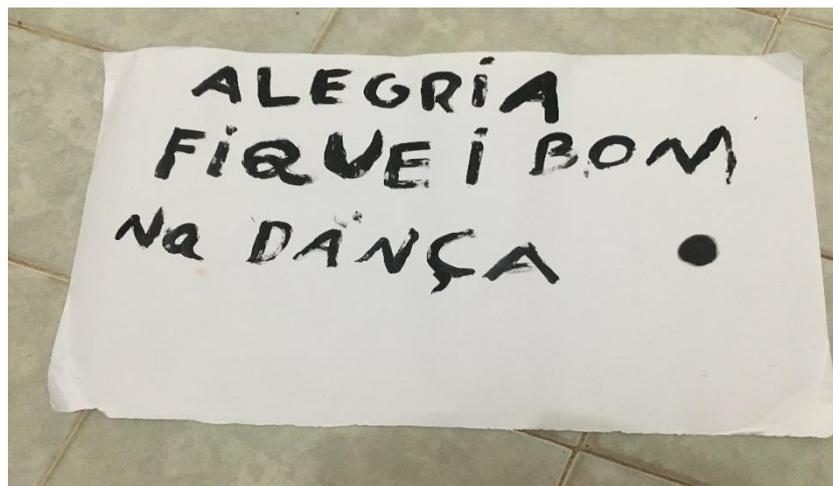
“[...] Eu senti alegria e amor. A dança é ótima, maravilhosa. (...) aprendi a ter mais respeito e meu corpo ficou mais mole (risos). Eu não tive vergonha de dançar...” (Allan).



“[...] No início eu não gostava não, sentia tristeza porque tinha que faltar a escolinha. Mas depois eu gostei, foi legal...” (Leandro)



“[...] Eu senti muita alegria e emoção na dança. Deixei até o corpo mais molinho...” (Carla).



“[...] Eu senti alegria e fiquei bom na dança. Não estava alegre desde o início. No começo eu fiquei chateado porque tive que faltar a escolinha né?! Mas depois eu fiquei alegre...” (Bruno).



“[...] Eu senti alegria desde o início. Eu era tímida e agora “tô” melhor. A palavra que descreve mesmo é gratidão. E agora que “tá” acabando vai deixar saudade...” (Rute).